A MORTE DE JOAQUIM ALVES

FLORIVAL SERAINE

Havia um frêmito vital marcado por nítida impregnação telúrica, a assinalar a figura de Joaquim Alves, de tal modo que, diante de certos sêres, a sua presença não tardava em ser reconhecida, e com firmeza se impunha, na revelação de inconfundível personalidade.

É evidente que não nos referimos apenas aos seus dotes de escritor, a suas idiossincrasias no plano da criação intelectual. Falamos do homem integral, cujos atributos de ser vivente êle patenteava com energia, por um dom secreto da sua individualidade, em face daqueles que podiam auscultar a sua vibração existencial.

Joaquim Alves era o rebento do Cariri, o homem da Praça do Ferreira, o cearense, o filho dêste Nordeste tormentoso e bravo. Tudo isso com espontaneidade, medular e superiormente traduzido.

A sua vida era plena, elevada de natural sinceridade; fincava raízes na sua psique, em que se transfundira o **humus** vernáculo, e eis o motivo por que jamais se desviou, no plano social, para sendas estranhas às linhas mestras da sua conformação interior. Em suma, a grande nota pessoal do ilustre desaparecido era a fidelidade ao seu mundo íntimo, a suas apetências e inclinações mais arraigadas.

Qualquer que viesse a ser a órbita de sua irradiação na sociedade, permaneceria, decerto, a mesma criatura simples e desartificiosa, não deformada pelas convenções e os influxos utilitários, tão dominadores em nossa época.

Pode-se, destarte, afirmar, acêrca daquele a quem ora evocamos, que em si predominava o "espírito", no sentido filosófico de Scheler.

Os valores éticos transpareciam na dignidade e na pureza do seu viver; os seus atos eram claros e imbuídos de franqueza, a indicar a hegemonia da sua estrutura espiritual sôbre as injunções psicofísicas. E, não obstante, a vida palpitava no dinamismo de suas atitudes, volvidas para ocupações supernas da inteligência. E, não obstante, êle era a vida em ação, fremente, produtiva, abundante em comunicabilidade humana. Realmente, nada parecia conter, o nosso pranteado escritor, dessas naturezas introspectivas, que só medram nos ambientes noturnos da solidão.

Era homem de tendências sociais, amante das conversações urbanas, dos ruidosos e animados colóquios citadinos.

E parecia sentir-se radiante com o seu cearensismo, o seu regionalismo; com os seus hábitos de província; com as próprias obrigações do magistério, exercido em tarefas múltiplas e exigentes.

Observava-se, pois, em Joaquim Alves integração no seu meio e no próprio labor quotidiano, a que êle se afizera, em vagarosa mas segura marcha, aproximada sempre dos seus rumos vocacionais.

A enfermidade letal veio prostrá-la rudemente, quando já se podia considerar um triunfador, na esfera das suas autênticas aspirações.

Porque a vultos da estirpe do nosso homenageado, a seres paradigmais como o lidador intelectual cuja memória hoje reverenciamos, bastaria para contentar e, sem dúvida, apenas o satisfaria perfeitamente, a consciência de uma vida toda ela consagrada a nobres funções sociais, tal a sua existência do professor e de austero homem de letras.

Certas mesquinhas preocupações que absorvem grande parcela da humanidade, determinando às vezes graves conflitos psíquicos; certas frivolidades mundanas que proliferam em nosso clima social, e a que costumam emprestar significação espíritos, às vezes cultos e inteligêntes, mas incompletos na realização da sua personalidade, não interessavam a Joaquim Alves, sereno na sua inteireza anímica, firme no respeito às diretrizes da sua vocação intelectual.

Procedia Joaquim Alves de conhecidas famílias do sul do Estado — Alves de Matos e Rocha, pelo ramo do seu genitor; Magalhães, Lacerda e Furtado pela ascendência materna. Consorciara-se a primeira vez com D. Josefa Batista de Oliveira, elemento de abastada e digna estirpe cearense, e em segunda núpcias com D. Milza Xavier de Oliveira, presente a esta solenidade, e que no seu sobrenome conduz o sinal de filiação à respeitável família do Cariri. Um dos seus irmãos, o Dr. Manuel Alves de Oliveira, era formado em Comércio e Odontologia, tendo falecido em Lavras, onde exercia a sua profissão; o outro, Sr. Antônio Alves de Oliveira, é funcionário público federal aposentado e ainda reside nesta Capital.

Como educador, teve oportunidade de aplicar na própria vida doméstica os princípios de superação intelectual a que obedecia, e tão generosamente disseminava no seio da juventude.

Seu filho, Dr. Elisio Alves, engenheiro civil pela Escola Nacional de Engenharia, pertence ao corpo técnico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; sua filha Sta. Maria Helena Xavier Alves é dedicada acadêmica de Medicina no Rio de Janeiro, e o mais jovem dos seus filhos — Fernando Roberto Xavier Alves, cursa o 2º ano do Colégio Castelo, nesta Capital.

Evidentemente, os seus princípios como o de tantos outros indivíduos de mérito, transplantados do interior, não foram suaves na ambiência praciana, indócil sempre aos primeiros assomos dos que não estão afeitos às insidias e asperezas da concorrência moderna.

Consegue, no entanto, o título de odontólogo, e chega a exercer funções de destaque como as de Prefeito, representante do Ceará em congressos científicos, Inspetor regional do Ensino, catedrático de importantes estabelecimentos educacionais como a Escola Normal e a Faculdade de Ciências Econômicas.

E — o que vale acentuado — tudo isso aufere, em sucessivas competições de ordem intelectual, agindo com sobranceria e retidão.

Com efeito, as formas de existência que êle sem ruido objetivava eram reflexo da sua nobreza humana, nobreza esta que, no dizer de Jaspers, não pertence "aos bem dotados que se poderiam selecionar, nem a tipos raciais em condições de ser fixados antropològicamente; nem sequer a homens geniais capazes de criar obras extraordinárias; senão entre todos, àqueles que são êles próprios, comparados com os que apenas sentem o vácuo dentro de si, nada reconhecem como peculiar, e fogem de si mesmos". Tipos êstes que, infelizmente, constituem a generalidade, no mundo tècnico-econômico de hoje.

Não se esquivava Joaquim Alves ao sentido da responsabilidade de sua conduta, revelando-se diferente da maioria dos coetâneos, que, imersos no epicurismo da civilização hodierna, preocupam-se unicamente com atingir o próprio bem-estar, ainda às custas do sacrifício das mais nobres prerrogativas individuais.

Personalidade, caráter, na genuína acepção psicológica e ética do têrmo, cousas assaz diluídas na atmosfera racionalizada e material que nos envolve, possuiu-os decerto Joaquim Alves, donde o acatamento com que, jovens e adultos, naturalmente o distinguiam.

Quase com estas mesmas expressões iniciavamos há pouco nossa oração, e não nos arrependemos de haver insistido em assunto de tão graves perspectivas morais. Todavia, ocupemo-nos em particular da obra literária de Joaquim Alves, que lhe serviu de credencial ao ingresso nas agremiações culturais mais representativas do Estado, — o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, a Associação Brasileira de Escritores — Secção do Ceará, a Associação Cearense de Imprensa e a Sociedade Cearense de Geografia e História, de que foi um dos presidentes e sócio — fundador.

Detenhamo-nos em sua produção intelectual, certamente das mais significativas no campo da literatura cearense, de todas as épocas.

Compõem a bibliografia do nosso ex-companheiro de lides culturais as seguintes obras:

"Nas fronteiras do Nordeste" — publicada em 1929;

— "Estudos de Pedagogia regional" — saída a lume em 1939;

— "Autores cearenses" — 1ª série, editada em 1949.

Deixou inédito, a ser divulgado pelo Instituto — "História das Sêcas no Ceará", trabalho em que se empenhara, obedecendo a um plano traçado por êste sodalício, e para o qual vinha de longe recolhendo dados com apreciável critério metodológico.

Divulgou ainda os seguintes artigos, de cunho científico:

— "O Ceará e suas regiões naturais", na Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História", ns. 1, 2 e 4;

"Aspectos antropogeográficos do cangaceirismo" — ns. 1 e 3, da aludida publicação;

— "Introdução às ciências geográficas", na Revista do Professor", de São Paulo (Nº 15);

— As migrações do São Francisco para o Vale do Cariri", no "Jornal do Comércio", do Rio, de 21 de Outubro de 1934;

— "Clima e alimentação do Nordeste" — no "Jornal do Comércio, de Recife, edição de 2 de Maio de 1937;

— "Alimentação das populações rurais" — em "O Povo", de Fortaleza, ns. 14 e 15 de Janeiro de 1935;

— "Afrologia Brasileira", na Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História", em 1939;

— "Clima Cearense" — idem;

— "Evolução social dos sertões", em "O Ceará", de Fortaleza;

— "Ensino profissional rural" — na "Revista do Professor", de São Paulo (nº 16 — de 1936);

— "Ultimos grupos de ciganos no Ceará" — no "Jornal do Comércio", de Recife, ns. 19 e 20, Janeiro de 1938.

— "Ensino profissional", na revista "Estudos", de Fortaleza, em 1939;

— "Juazeiro — cidade mística" — na "Revista do Instituto do Ceará" — volume de 1948;

— "O Vale do Cariri" — apresentado ao X Congresso Brasileiro de Geografia, do Rio de Janeiro, aprovado e mandado publicar nos Anais desse conclave — saida a lume em 1946, na "Revista do Instituto do Ceará".

A Antropogeografia e a Pedagogia foram, destarte, as ciências que concentraram as atenções de Joaquim Alves, embora certa preocupação sociológica transparecesse em inúmeros passos da sua obra.

A começar pelo seu livro de estréia — "Nas fronteiras do Nordeste", que a crítica recebeu de modo assaz lisonjeiro e de logo o consagrou figura meritória nas letras regionais, até alcançar seu último trabalho editado. "Juazeiro cidade mística", faz referência a determinados fenômenos sociais, ao abordar temas de nossa realidade cultural.

Delimitado como se acha hoje o âmbito da Sociologia, julgada ciência autônoma com seus problemas privativos, não vacilamos, a êsse respeito, em situar a orientação central dos labores científicos de Joaquim Alves no campo da Geografia Humana, disciplina que êle chegara a dominar, firmando-se nas concepções magistrais de um Ratzel, de um Brunhes, e outros de igual reputação.

Em realidade, o interêsse precípuo das suas atividades intelectuais se encontrava no estudo das interações das influências naturais e das fôrças humanas, das mútuas relações entre o Homem e a Terra.

Se bem que, em sua obra, recorresse à contribuição de outras ciências,

que com a Antropogeografia se relacionam — a História, a Antropologia, a Etnografia, a Sociologia, e Economia, as próprias Ciências Naturais, — na "maneira de examinar os problemas de distribuição no espaço e em suas relações com êste" — segundo as expressões de Krebs — é que se nos depara a feição peculiar dos seus melhores trabalhos. "O Vale do Cariri" é, nesse sentido, produção bem caracterizada.

Qualidades apreciáveis de pesquisador e estudioso objetivo manifesta Joaquim Alves na sua elaboração mental, de forma a impor-se ao exame crítico, como observador perspicaz dos fatos, que, entretanto, não dispensava a procura constante das fontes documentais e segura orientação metodológica para a estruturação dos seus ensaios científicos.

O conhecimento direito das regiões que estudava, bem como o dos seus habitantes, facultava-lhe desembaraço aos movimentos intelectuais, nesse plano de estudos da sua predileção. E, assim, apoiado em certeira visão fenomênica, desfazia muitas hipóteses e idéias correntes, que, sem fundamento na realidade, haviam sido esposadas por autores que, antes dêle, versaram os mesmos assuntos.

Não era autor que se perdesse em inúteis digressões e fizesse uso de referências bibliográficas com interesse accessório ao desenvolvimento temático. Evitava, em regra as minuciosidades vãs pelo caráter dúbio, ou pouco representativas quanto à essência da obra, adotando só o estritamente necessário e caracterizado pela solidez documental.

Espírito sério, culto, mas positivo, não o atraem as cogitações metafísicas, a pátria augusta da filosofia, a que talvez só recorresse em determinados instantes, pela necessidade do exercício cerebral, no propósito de habituar a inteligência ao sentido do essencial e ao trabalho percuciente.

No campo sociológico fugia do puro debate teorético, porque era da substância mesma do seu espírito a busca da aplicação prática dos conhecimentos hauridos nas obras dos mestres.

"Situado na grande linha dos estudiosos cearenses do meio regional — a que vem do Senador Pompeu, passando por Antônio Bezerra, Perdigão de Oliveira, Tomaz Pompeu de Souza Brasil, o Barão de Studart, Joaquim Catunda, João Brígido, e hoje atinge com Pompeu Sobrinho e outros, planos mentais de elevada significação — Joaquim Alves não se desliga das tendências objetivistas, que parecem indicar as orientações conceptivas mais assinalantes em nossa literatura. Em nenhum dos estudos que divulgou, abandona êle essa diretriz interior, volvida para a nossa realidade natural e cultural. Por isso, toda a sua obra merece encarada como expressão científica de um espírito cearense sôbre o seu próprio meio. Resta apenas que o autor em trabalho de conjunto, focalizando o Ceará, realize a sua definitiva concepção antropogeográfica".

Assim escrevíamos há alguns anos, ao comentar uma das suas produções científicas. Infelizmente não lhe é permitido efetuar essa nossa aspiração, que traduzia, aliás, a de muitos outros dos seus companheiros de ideal.

Mas não se restringiram ao plano científico as atividades mentais de Joa-

quim Alves. Exerceu a crítica literária não sem certa aplicação e justeza de conceitos. Leal consigo mesmo, não tenta, ocultar as preferências científicas do seu espírito.

Destaca-se mormente nas apreciações de livros históricos, geográficos ou etnológicos, e procura encarar, não raro, as produções focalizadas do ângulo de uma compreensão sociológica da obra de arte.

Na posição de crítico, jamais revelou atitudes de irreverente censor das produções alheias, preocupado em acentuar deficiências, incapaz de discernir qualidades no autor, analisado.

Ao contrário, sua crítica literária parece-nos executada com o objetivo secreto de difundir a produção dos seus conterrâneos: seria outra obra de altruismo, de pura fraternidade, saída da sua pena de escritor. Pois — e aqui indicamos novo aspecto da personalidade de Joaquim Alves — desde a sua juventude, em 1919, quando elabora os seus primeiros artigos para a imprensa, e funda com outros espíritos emancipados o Partido Socialista Cearense, desde as suas primeicias literárias foi um preocupado com a "questão social", conservando pela vida em fora o seu interêsse pelos problemas coletivos.

O destino da sociedade, a condição do ser humano vivendo em comunidades, as vicissitudes da sua grei atormentada em estádios econômicos e culturais pouco evoluidos, foram permanente leit — motiv em suas cogitações, temas absorventes da sua alma desperta e inconformista.

Indiferente a qualquer espécie de brilho exterior, Joaquim Alves confundia-se fàcilmente na turba citadina, de maneira que só após a sua morte, no ajuste de contas postumeiro, foi que certa gente desprevenida poude aferir os valores humanos que em si abrigava aquela rude aparencia física.

Mas — como na novela tolstoiana, que aqui parafraseamos — os puros, os dignos, não eram os ascetas, aquêles que se mortificavam em jejuns e privações de todo o gênero, com a alma orgulhosa e sedenta de ver a Deus, senão aquêles indivíduos comuns, mergulhados heroicamente nas porfias quotidianas, a cumprir e a carpir a própria sina, despreocupados de glórias porvindoiras, porém sinceros e sublimes em atitudes de fato essenciais.

Joaquim Alves nunca se esmerou em façanhas extraordinárias, nem buscou posar para a posteridade.

A sua grandeza decorria principalmente da unidade orgânica, a coerência entre a sua obra e a sua vida.

Entre as idéias que propalava e lhe cabia realizar, como intelectual e mestre da juventude, e a sua conduta na órbita social; a ética veraz da sua existência.

Nesta homenagem que o Instituto do Ceará, através de nossas pálidas expressões, rende à memória do nosso falecido consócio, procura-se, além de demonstrar a dôr que nos atingiu pelo seu passamento e a consciência da vultosa perda humana que o Ceará recentemente sofreu, apontar às novas gerações o exemplo de uma vida autêntica a admirar e a seguir.